

FORMA(S) DE VIDA, UM CONTROVERSO CONCEITO WITTGENSTEINIANO

FORM(S) OF LIFE, A WITTGENSTEINIAN CONTROVERSIAL CONCEPT

*Marcelo Ferreira Ribas*¹

Resumo: O trabalho visa compreender o conceito de forma(s) de vida presente na filosofia do segundo Wittgenstein, reputado como de difícil entendimento por diversos fatores, o que margem ao surgimento de diferentes leituras quanto ao seu significado. Em que pese as dificuldades iniciais na aproximação do tema, forma(s) de vida revela-se um conceito nuclear do pensamento filosófico de Wittgenstein ao possibilitar compreender o fenômeno linguístico em sua integralidade e que, por isso, merece esclarecimento. Passando-se pelas diferentes vias de interpretações do conceito, apresenta-se o debate sobre conceito com o intuito de indicar uma outra possibilidade de compreendê-lo, sintetizada na grafia adotada como forma(s) de vida, que conjuga posições aparentemente antagônicas, fundadas nas flexões singular (forma de vida) e plural (formas de vida), a fim de denotar a complementaridade dessas acepções. Dessa forma, o conceito expressa o consenso subjacente à linguagem que desempenha o papel de ser o fundamento sem fundamento das práticas linguísticas, como uma instância que funciona como pano de fundo para o desenvolvimento dos jogos de linguagem das diferentes formas de vida que, por sua vez, são partes de uma mesma forma de vida, a humana.

Palavras-chave: Forma(s) de vida. Linguagem. Significado. Consenso. Fundamento sem fundamento.

Abstract: This essay aims to understand the concept of form(s) of life present in the philosophy of the second Wittgenstein, that shows some complexity of understanding due to several factors, which led to the emergence of different readings regarding its meaning. In spite of the initial difficulties in approaching the theme, the concept of form(s) of life reveals itself to be a core concept on Wittgenstein's philosophical thought by making possible to understand the linguistic phenomenon, the reason it deserves clarification. Passing through the different ways of interpreting the concept, the debate is presented with the objective of indicating another possibility of understanding it, synthesized in the spelling adopted as form(s) of life, which combines apparently antagonistic positions, founded in singular (form of life) and plural (forms of life) inflections, in order to denote the complementarity of these meanings. So, the concept expresses the consensus underlying the language that plays the role of being the groundless foundation of linguistic practices, as an instance that works as a backdrop to the development of the language games from different forms of life, which are part of the same form of life, the human one.

Keywords: Form(s) of life. Language. Meaning. Consensus. Groundless foundation.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: marceloferreiraribas@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5477-375X>.

Introdução

Entre os conceitos da fase madura do pensamento de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), o conceito de forma de vida merece destaque pelo debate que fomenta quanto ao significado e estatuto que ocupa no interior de sua reflexão filosófica. Sendo pouco frequente em seus escritos e, ainda, sem contar com uma definição precisa por parte do autor, este conceito deu margem a uma variada gama de interpretações, não raras vezes, conflitantes. Assim, o conceito de forma de vida passou a fomentar um debate que, em síntese, concentra-se em torno da flexão de número do substantivo, vale dizer, se ele deve ser tratado no singular, como forma de vida, ou no plural, como formas de vida. A questão não é gramatical (aqui, na acepção comum do termo, não naquela que confere Wittgenstein²), mas conceitual porque, dependendo da interpretação que se tome, a noção adquire significados distintos.

Dada a polêmica existente, e na esteira dos comentadores de Wittgenstein, este artigo visa abordar o conceito de forma de vida com o intuito de lançar luz à discussão, apresentando um possível significado que concilie algumas posições aparentemente antagônicas. Para tanto, discorre sobre as principais vertentes interpretativas e seus defensores para, finalmente, porém sem pretensão de esgotar o tema, delinear uma interpretação que considera forma de vida e formas de vida como complementares em vez de excludentes, justificando-se, assim, a grafia aqui empregada como “forma(s) de vida”.

O debate sobre o conceito

Quando se trata daquilo que se convencionou chamar de “segundo Wittgenstein” para denotar, em conjunto, as reflexões constantes nos escritos da maturidade, os conceitos de uso, de jogos de linguagem, de regras e de seguimento de regras emergem como chaves para a compreensão do seu pensamento filosófico. Saliente-se, entretanto, que eles não são os únicos, uma vez que, a esse arcabouço conceitual, acrescenta-se também a noção de forma(s) de vida que, embora ligeiramente apresentada em trechos

² No contexto acima, invoca-se o sentido denotativo de gramática, entendida como o conjunto de regras que determinam o uso correto de uma língua. A observação é pertinente porque, para o filósofo, o conceito assume um significado próprio, que se identifica com a sua filosofia e com o seu fazer filosófico: “Wittgenstein passou a utilizar o termo ‘gramática’ para designar tanto as regras constitutivas da linguagem, quanto a investigação ou organização filosófica dessas regras” (GLOCK, 1998, p. 193).

esparcos de *Investigações Filosóficas* (doravante apenas *Investigações*) e de mais alguns outros textos, revela-se de capital importância, como adiante será tratado.

Por ora, cumpre apontar que, na leitura das obras de Wittgenstein, o conceito pode passar despercebido justamente por ser pouco referenciado pelo autor. Araceli Velloso (2003, p. 182) elenca um rol de dez aparições do conceito; a isso se soma a referência de que trata Jullían Marrades (2014, p. 140) para contabilizar, ao todo, pelo menos onze ocorrências, o que é um número significativamente inexpressivo se comparado à quantidade de ocorrências de outros conceitos igualmente relevantes. Além disso, acrescenta-se o fato de que as ocorrências do conceito encontram-se dispersas nos textos do filósofo, apresentando-se ora no singular (forma de vida), ora no plural (formas de vida) e que, pelo menos aparentemente, não se vislumbra maior clareza quanto ao que se deve compreender como sendo forma(s) de vida, embora tais menções situem-nas no interior da reflexão sobre a linguagem e que, nesse contexto, apontem para alguns de seus aspectos, sobretudo, o de configurar como o fundamento da linguagem.

Essas dificuldades iniciais justificam o surgimento de diferentes interpretações do conceito e, com elas, as divergências quanto ao seu significado efetivo. É consensual, no entanto, que a noção reserva não poucas dificuldades a quem pretende levar adiante a tarefa de compreendê-la.

O que se sabe, com segurança, é que Wittgenstein não inventou as expressões forma de vida (*Lebensform*) e formas de vida (*Lebensformen*). Segundo Hans-Johann Glock (1998, p. 174), seu emprego “conta com uma longa tradição na filosofia alemã (Hamann, Herder, Hegel, von Humboldt)”, o que já foi comprovado por inúmeros estudiosos (cf. HACKER, 2015, p. 2). No século XIX, diversos autores utilizaram forma(s) de vida nos estudos de cosmologia, biologia, psicologia e linguagem, tendência que continuou nas primeiras décadas do século XX; cada pensador reservou a ela um significado próprio, inerente às suas próprias investigações.

Glock (1998, p. 174) considera, inclusive, a probabilidade de que Wittgenstein tenha usado o conceito por influência de Oswald Spengler, cuja obra *A Decadência do Ocidente* (escrita entre 1918-1923) compara as civilizações humanas às formas de vida biológicas. Essa hipótese pode ser verdadeira pelo fato de ser notório o fato de que Wittgenstein lia e admirava o trabalho desse pensador (cf. HACKER, 2015, p. 3). No entanto, Rudolf Haller considera essa opinião equivocada porque, antes mesmo de Spengler, outro autor, W. Fred, em 1911, havia publicado uma coletânea de artigos com

o título *Lebensform* na qual reflete acerca da possibilidade do indivíduo escolher sua própria forma de vida, porém, sem poder moldar a totalidade das formas de vida, vale dizer, a cultura de uma sociedade (cf. HALLER, 1990, p. 137-138). Haller entende que o pensamento de Fred está afinado ao que Wittgenstein afirmou no parágrafo 19 das *Investigações* de que “representar uma linguagem significa representar-se uma *forma de vida*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 32, *grifo nosso*), o que sugere a existência de múltiplas formas de vida; com isso, conclui que Wittgenstein foi influenciado por Fred, e não por Splenger.

Especulações à parte, e ainda que não se saiba a quem Wittgenstein é devedor do conceito, o certo é que forma(s) de vida é uma expressão relativamente tradicional no pensamento germânico, mas que adquire com ele um novo significado, dessa vez, relativo ao contexto de suas investigações sobre o fenômeno linguístico. Entretanto, diferentemente de seus predecessores, Wittgenstein não se preocupou em apresentar uma definição precisa, tarefa esta que coube à posteridade tentar realizar.

As linhas de interpretação

Como já foi afirmado mais acima, o interesse no conceito concentra-se, em especial, no fato do filósofo ter tomado a expressão tanto no singular quanto no plural, o que é uma problematização que não se verifica em relação aos demais conceitos nucleares de seu pensamento. Assim, por exemplo, o conceito de jogo de linguagem, que aparece empregado indistintamente em ambas as flexões, não apresenta maiores dificuldades de compreensão. No caso do conceito de forma(s) de vida, das onze ocorrências constantes nos textos de Wittgenstein, seis delas estão no singular (como forma de vida) e as outras cinco estão no plural (como formas de vida).

Para os comentadores, Wittgenstein não usou indistintamente uma ou outra flexão apenas por uma questão gramatical de concordância nominal, mas que, ao contrário, serviu-se delas propositalmente, a fim de sugerir que o conceito exerce uma função importante no seu esforço de esclarecimento do funcionamento da própria linguagem. Nesse sentido, há razões suficientes para considerar forma(s) de vida no singular ou no plural, o que produziu um extenso debate entre os partidários de ambas as formas. Nesse sentido, sugere Velloso: “[...] talvez até mesmo a chave para a sua compreensão, reside na escolha de uma dentre as duas formas gramaticais em que essa noção se apresenta nos textos do filósofo” (VELLOSO, 2003, p. 160).

Assim, a escolha entre forma de vida ou formas de vida encerra diferentes modos de abordagem do conceito, que, no geral, desenvolveram-se em três linhas distintas de interpretação. Glock afirma que “a ideia de que formas de vida nos fornecem o fundamento da linguagem foi posteriormente desenvolvida em duas direções opostas” (GLOCK, 1998, p. 174), produzindo, a princípio, uma leitura transcendental e outra naturalista. No entanto, quanto à última, considerando que está assentada sobre um conceito de natureza que, por sua vez, é pensado tanto em sentido biológico quanto antropológico, verifica-se a sua divisão em duas vertentes distintas, a leitura naturalista (em sentido estrito) que tem por base a concepção biológica de natureza e, por sua vez, a leitura etnológica que se fundamenta no conceito de natureza em sentido antropológico (cf. HACKER, 2015, p. 5). Assim, forma(s) de vida é compreendida em, pelo menos, três sentidos diferentes, a saber, o transcendental, o naturalista e o etnológico, merecendo, cada um, uma análise mais detida.

A interpretação transcendental

Por leitura transcendental entende-se a interpretação na qual os conceitos de Wittgenstein, incluindo forma(s) de vida, assumem o papel de “precondições (quase) transcendentais” (GLOCK, 1998, p. 174-175) de emprego da linguagem, semelhantes às condições de possibilidade do conhecimento da filosofia crítica de Kant, de onde extrai o seu “transcendentalismo”. Sustentada por Newton Garver e Darlei Dall’Agnol, essa posição aproxima, portanto, Wittgenstein de Kant. Inclusive, Dall’Agnol menciona a sugestão de Garver de que Wittgenstein, “[...] apesar de não ser estritamente kantiano, é um dos mais importantes pensadores da Filosofia Crítica, entendida esta como uma investigação dos critérios do significado e, a partir dela, podendo-se rejeitar disputas metafísicas” (DALL’AGNOL, 2011, p. 51). Nessa esteira, o autor sustenta que “a gramática e as formas-de-vida estariam entre tais tipos de verdade que aparecem como sintéticas *a priori*” (DALL’AGNOL, 2011, p. 52), cumprindo a função de ser condição para a compreensão do fenômeno linguístico que, por sua vez, independe de qualquer justificação e não admite explicação.

Mas em se tratando de condição para a linguagem, o que seria, portanto, forma de vida para a leitura transcendental? Segundo esse entendimento, trata-se da forma de vida humana, já que os seres humanos são seres que se comunicam e que a sua linguagem é a única acessível à compreensão. Por essa razão, essa posição considera

apenas a flexão do conceito no singular – como forma de vida, rejeitando a sua acepção no plural.

Para justificar essa tese, Velloso descreve a maneira como Garver precisou contornar as ocorrências do conceito no plural, e as interpretações que delas derivam, nos seguintes termos:

Garver sustenta a sua interpretação de duas maneiras diferentes: por meio de apoio textual e de um argumento geral. Com relação às passagens nas quais aparece uma menção à noção de “*forma de vida*”, Garver conclui que ou as pessoas que lêem o termo no plural leram errado, ou existe pelo menos uma outra versão da passagem no singular. Já o argumento geral desenvolvido por Garver diz respeito a um problema mais filosófico. Segundo esse argumento, só podemos falar coerentemente de uma única *forma de vida* humana, uma vez que a linguagem é um elemento comum a todos os seres humanos (VELLOSO, 2003, p. 176).

Considerando a passagem das *Investigações* que apresenta o conceito no plural, a única das cinco, que se verifica na parte II, seção XI do texto – “[...] O aceito, o dado – poder-se-ia dizer – são formas de vida (WITTGENSTEIN, 1999, p. 203, *grifo nosso*) – Garver afirma não considerá-la “boa” (cf. VELLOSO, 2003, p. 177) porque nela se encontra um Wittgenstein titubeante, que está apenas sugerindo a possibilidade de haver outras formas de vida, porém, sem afirmar incisivamente. Mas, para refutar de vez a possibilidade de se pensar o conceito em sua forma plural, o autor invoca o parágrafo 630 das *Observações sobre a Filosofia da Psicologia* – “O que deve ser aceito, o dado – poderíamos dizer – são *fatos da vida*”³ (WITTGENSTEIN, 2008, p. 143, *grifo nosso*) – para afirmar que formas de vida é apenas uma expressão alternativa a outra, no caso, fatos da vida, sugerindo serem sinônimas.

Entretanto, esse argumento é criticado por Haller, que afirmar que “Garver compreende completamente mal” (HALLER, 1990, p. 136) as passagens acima citadas porque não seu deu conta de que, tanto nas *Investigações* quanto nas *Observações*, os contextos em que o conceito emerge são os mesmos. Assim, o que se pode deduzir é a conexão existente entre as formas de vida e as atividades dos falantes e seus jogos de linguagem, isto é, os fatos da vida que, ao invés de rejeitar a concepção no plural, acaba por reforçá-la.

³ A nota 65 do tradutor informa q a versão datiloscrita do texto apresenta “são *formas de vida* [*Lebensformen*]” (MACHADO. In: WITTGENSTEIN, 2008, p. 143, *grifo nosso*).

Garver entende que somente é possível pensar em formas de vida quando se trata de estabelecer a diferença entre os seres humanos e os demais seres vivos: “as formas de vida wittgensteinianas são as da história natural: a bovina, a pisciforme, a canina, e a humana” (GARVER *apud* HALLER, 1990, p. 133). Excluindo da análise as formas de vida não-humanas (a bovina, a pisciforme, a canina...), resta apenas a única forma de vida que realmente interessa à investigação, a saber, a complicada forma de vida humana, compartilhada por todos os sujeitos.

Em todos os tempos e lugares, os seres humanos estabelecem a comunicação entre si por meio da linguagem. Por essa razão, a linguagem é algo próprio e comum da humanidade, o que justifica a universalidade dessa forma de vida. Uma vez que os sujeitos compartilham de uma mesma forma de vida, o autor deduz que “a forma de vida humana pode ser identificada com o modo comum do agir humano” (GARVER *apud* HALLER, 1990, p. 134), isto é, como o comportamento comum de toda a humanidade. O fundamento dessa tese encontra-se na asserção de Wittgenstein que se encontra no parágrafo 206 das *Investigações*: “O modo de agir comum a todos os homens é o sistema de referência, por meio do qual interpretamos uma linguagem desconhecida” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 93).

Na mesma linha de raciocínio, Darlei Dall’Agnol também recusa ceder à interpretação que consente na existência de formas de vida por entender que o filósofo “não está preocupado, desde a sua perspectiva filosófica de investigação, senão com a forma-de-vida humana” (DALL’AGNOL, 2011, p. 49). Entendendo que as interpretações transcendental e etnológica (o autor refere-se à última como naturalista) são insuficientes, o autor apresenta uma via alternativa que, no entanto, parece não deixar de se subscrever à leitura transcendental do conceito uma vez que, segundo pensa, “não há dúvidas de que o assim chamado ‘segundo Wittgenstein’ concebe a filosofia como crítica da linguagem em termos kantianos” (DALL’AGNOL, 2011, p. 143).

A alternativa que propõe consiste em considerar o conceito de forma de vida como quase-biológico, correspondendo à ideia de espécie humana. O prefixo “quase” denota o cuidado de não reduzir o conceito a uma mera ideia empírica ou científica (cf. DALL’AGNOL, 2011, p. 55) até porque a perspectiva filosófica de Wittgenstein não era empírica, como consta no parágrafo 90 das *Investigações*: “[...] nossa investigação, no entanto, dirige-se não aos fenômenos, mas, como poderíamos dizer, às

'possibilidades' dos fenômenos. Refletimos sobre o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 61).

O fato de preservar o conceito de um reducionismo empírico, como se fosse um objeto observável pela ciência, não é questão apenas de fidelidade ao modo de pensar de Wittgenstein; antes, serve a um propósito definido, a saber, o da compreensão de que “o processo de justificação tem que chegar necessariamente a um fim, exatamente aqui: na forma-de-vida humana” (DALL’AGNOL, 2011, p. 56). Entende-se por esse fim o fundamento último da linguagem, que é uma forma de vida específica, isto é, a humana.

Nos jogos de linguagem, uma palavra assume significados completamente diferentes conforme os contextos em que é empregada. O que garante que um ou outro significado tenha sentido não é outro senão a forma de vida, vale dizer, a condição própria do ser humano e suas vicissitudes, para a qual não há justificativa, pois a vida é simplesmente o que é, é algo dado. Assim, a forma de vida humana é o dado, e “esse dado é não-natural, mas também não-transcendental no sentido de Kant” (DALL’AGNOL, 2011, p. 57).

É por isso que Dall’Agnol (2011, p. 56) afirma que “[...] se toda cadeia de razões tem que terminar, o que deve ser aceito sem justificação posterior é exatamente os fatos da forma-de-vida humana”. Localiza o autor, nesse conceito, o termo final de qualquer especulação.

No que se refere às ocorrências do conceito no plural, o autor justifica que “Wittgenstein parece simplesmente fazer a constatação da pluralidade de formas-de-vida da ‘história natural’ contrapondo, em cada caso, à forma-de-vida humana” (DALL’AGNOL, 2011, p. 53). A contraposição serve para delinear o que constitui a forma de vida específica dos humanos, que é o uso da linguagem. A afirmação do filósofo de que “se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 201) significa que o ser humano não é capaz de compreender a linguagem leonina porque não compartilha com esse animal a mesma forma de vida. O mesmo não ocorre entre os seres humanos; a forma de vida humana possibilita o estabelecimento da comunicação.

A interpretação naturalista

Por sua vez, a interpretação naturalista (ou biológica) de forma(s) de vida concebe-as como equivalentes à constituição orgânica de cada sujeito. Baseada em uma

concepção biológica da natureza humana, essa posição é defendida por J. F. M. Hunter, que apela para o parágrafo 25 das *Investigações*: “[...] comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 36). Outro texto fundamental é o parágrafo 415 da mesma obra, também centrado na ideia de história natural: “O que fornecemos são propriamente anotações sobre a história natural do homem [...]” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 127). O natural enquanto biológico sustenta a acepção plural do conceito – como formas de vida – significando, assim, a condição biológica dos indivíduos.

Para Hunter, cada organismo vivo constitui uma forma de vida particular, o que explica falar em formas de vida. Segundo o autor:

[...] o sentido que estou sugerindo é mais como "algo típico de um ser vivo": típico no sentido de ser muito amplamente na mesma classe de crescimento ou nutrição de organismos vivos ou como a complexidade orgânica que lhes permite propulsionar-se ou reagir de maneiras complicadas ao seu meio ambiente. Por isso, às vezes, eu devo chamar isso de "a abordagem orgânica" (HUNTER, 1968, p. 235, *tradução nossa*).

Sob essa perspectiva, a linguagem é um fenômeno biológico ou orgânico porque flui naturalmente do indivíduo e por isso, encontra-se no mesmo nível de complexidade das ações de andar, de dançar e de digerir alimentos. Em geral, quando deseja expressar-se, o usuário da linguagem não planeja o modo como vai empregar as palavras, ou seja, não pensa nos diversos requisitos (gramaticais, sociais, pessoais, intelectuais, entre outros) que deve preencher para que o discurso faça sentido e seja compreendido; o que se constata é o fato de que o sujeito simplesmente fala e nesse ato, espontaneamente, o que diz satisfaz esses requisitos. O autor excepciona da regra geral, em partes, o fazer filosófico: “não é, talvez, (o caso) quando estamos escrevendo filosofia; mas esse não é um uso muito típico da linguagem; e até mesmo aqui é apenas alguns dos requisitos que pensamos; o resto vem facilmente” (HUNTER, 1968, p. 235, *tradução nossa*).

Uma objeção a Hunter, levantada por Velloso (2003, p. 168), assenta-se no fato de que a sua tese ignora o contexto social que envolve linguagem e forma(s) de vida. Diversos autores entendem que a linguagem é um ato social porque suas ações são intersubjetivas, envolvendo os sujeitos que compartilham entre si diversos elementos (como exemplos, a cultura e a visão de mundo) nos quais as palavras adquirem

significação. Excessivamente focado no comportamento orgânico, o autor desconsidera os aspectos culturais e sociais relacionados ao conceito de forma de vida, tampouco se preocupa em demonstrar os fatores em comum que unem as diversas formas de vida a que alude.

Assim, sob essa interpretação, o conceito apresenta-se bastante limitado por se reduzir à mera condição biológica dos indivíduos, cada qual representando uma forma de vida isolada, o que não parece coadunar-se com a filosofia de Wittgenstein, que pensa na linguagem como uma instância pública. Para ele, o conceito envolve intersubjetividade e se relaciona com o caráter essencialmente público da linguagem (cf. GRAYLING, 2002, p. 111).

A interpretação etnológica

Por fim, a interpretação etnológica (ou antropológica) compreende forma(s) de vida como um contexto sociocultural que está na base da linguagem e que a envolve às práticas dos sujeitos. Como os contextos são variados, o conceito é tomado em sua forma plural, como formas de vida. Das três vias interpretativas, esta é a comumente aceita pelos comentadores (cf. GIER, 1980, p. 243, cuja nota 3 apresenta uma extensa lista de autores afiliados a essa linha de pensamento), entre os quais estão Hans-Johann Glock, Rudolf Haller e P. M. S. Hacker, entre outros.

Glock também fundamenta sua concepção a partir do conceito de natureza, porém, não no sentido biológico proposto por Hunter, mas na acepção antropológica (cf. GLOCK, 1998, p. 175). Tomando por base a história natural do homem – que se encontra no parágrafo 25 das *Investigações*, o autor sustenta que, nessa passagem, Wittgenstein equipara as ações linguísticas (os jogos de linguagem) ao mesmo nível das condutas mais básicas praticadas por pelo ser humano, como andar e comer, para salientar que esses comportamentos manifestassem a condição humana de ser social e cultural. Ele afirma que “tal história natural é a história de criaturas culturais, usuárias da linguagem. [...] Wittgenstein (à maneira do marxismo e do pragmatismo) não enfatiza a nossa natureza biológica inflexível, mas sim nossa prática histórica” (GLOCK, 1998, p. 175).

É a história natural, no sentido antropológico, que determina a existência de diferentes formas de vida, tantas quantas são as diversas expressões culturais e sociais existentes no mundo. Contra a posição transcendental que defende existir apenas uma

forma de vida para os humanos e que, se houvessem outras formas de vida, elas seriam incompreensíveis, Glock alega que essa posição “entra em choque com a insistência de Wittgenstein na ideia de que diferentes formas de representação passam a ser compreensíveis no contexto de diferentes formas de vida” (GLOCK, 1998, p. 175).

Os transcendentalistas equivocam-se ao igualar forma de vida à espécie humana porque, na verdade, o conceito remete a contextos socioculturais diversos, de modo que se pode dizer que diferentes sociedades, culturas e épocas modelam suas próprias formas de vida. No contato com outra forma de vida, é possível que o sujeito se esforce para compreender as representações dela.

O autor cita, como exemplo disso, que o uso de uma vara como unidade de medida pode não fazer sentido para uma determinada comunidade, porém, para outra, cuja visão de mundo e cultura são diferentes, a vara cumpre bem essa função, e isso é perfeitamente compreensível, mesmo para aqueles que não fazem da vara uma unidade de medida. Para tanto, basta que sejam treinados a compreender o fato sob a ótica dessa cultura: “diferentes formas de representação são inteligíveis desde que haja um treinamento diferente ou propósitos diferentes” (GLOCK, 1998, p. 175).

Ainda segundo Glock, as formas de vida estabelecem padrões de racionalidade distintos, o que revela um relativismo cultural da linguagem em Wittgenstein. É por isso que não se pode criticar o jogo de linguagem de uma forma de vida diferente por meio da argumentação racional, mas pela persuasão. Por mais que se considere equivocado um determinado discurso a partir de um ponto de vista externo, deve-se considerar que, em tese, o mesmo obedece à lógica interna daquele contexto dado, isto é, da forma de vida em que se originou. Assim situado, apresenta-se razoável de se pensar. É a isso que se refere Wittgenstein no parágrafo 612 do *Da Certeza*:

Eu disse que ‘combateria’ o outro – mas então não lhe daria razões? Claro; mas até onde chegariam elas? No fim das razões há a persuasão. (Pensem no que acontece quando os missionários convertem os nativos) (2012, p. 339).

Como observa Glock, o relativismo não é absoluto porque resta em aberto a possibilidade de se justificar ou de corrigir os jogos de linguagem. Porém, adverte que “o que não pode ser criticado dessa forma é a prática linguística (*forma de vida*) como um todo” (GLOCK, 1998, p. 176). O exemplo que clarifica essa ideia encontra-se no parágrafo 609 do *Da Certeza*, em que Wittgenstein propõe ao leitor imaginar pessoas

que preferem consultar oráculos ao invés de um físico e, por essa razão, são consideradas como primitivas. Pode-se apresentar outra forma de pensar, por exemplo, o modo científico de explicação de um fenômeno da natureza, com base em pontos sobre os quais concordam as *formas de vida* envolvidas, ou, ainda, que uma visão de mundo é mais rica que a outra. Ao final, pode-se até apontar a irracionalidade do apelo aos oráculos, mas isso não significa que essas pessoas abandonariam suas práticas, a menos que estejam persuadidas a fazê-lo.

Também sob a perspectiva etnológica, Rudolf Haller formula sua interpretação de forma(s) de vida a partir do embate que trava com os representantes da leitura transcendental. Seus esforços nesse sentido renderam-lhe notoriedade pelo “modo como ele desembaraça Wittgenstein da camisa-de-força transcendental (kantiana e outras) que lhe pretenderam aplicar” (ROMANO, 1991, p. 199). Com isso, o autor objetiva comprovar que o filósofo é um autêntico representante de uma filosofia tipicamente austríaca, cuja característica principal consiste na crítica da linguagem.

A tese de Haller parte da discussão acerca das atitudes epistêmicas de certeza que está no cerne da obra *Da Certeza*. Nesse texto, Wittgenstein aponta duas possíveis posturas do sujeito, sendo uma de luta e outra serena. A primeira reflete a situação em que o sujeito está convencido de que sabe alguma coisa, porém, falta-lhe justificativa dessa certeza; por sua vez, a segunda expressa que se sabe alguma coisa simplesmente porque esse é o caso.

Essa diferenciação é importante para demonstrar que a certeza “é algo de ‘animal’, quer dizer, além de nossa necessidade intelectual de dar uma justificativa racional para ela” (HALLER, 1990, p. 135). Com isso, tem-se a chave de leitura do parágrafo 358 do *Da Certeza*: “Fico propenso a considerar essa segurança não como algo aparentado com a precipitação ou a superficialidade, mas sim como (uma) *forma de vida*” (WITTGENSTEIN, 2012, p. 239, *grifo nosso*). A certeza serena é, propriamente, uma forma de vida.

A mesma discussão sobre a certeza encontra-se na parte II, seção XI, das *Investigações*, já apresentada aqui como a única incidência do conceito que está no plural em toda a obra. Nesse fragmento, porém, o filósofo indica o que efetivamente justifica a atitude de certeza que possibilita ao sujeito afirmar que sabe algo porque esse é o caso (a certeza serena). O que garante tal convicção é a referência a um contexto dado – situação da vida que envolve o emprego e a significação das palavras – sobre o

qual os partícipes dos jogos de linguagem estão de acordo e se reconhecem como agentes que realizam ações ao utilizar a linguagem.

Esse contexto de entrelaçamento entre elementos linguísticos e extralinguísticos é o que Haller concebe como forma de vida. O conceito identifica-se, portanto, como um espaço em que se desenvolvem os jogos de linguagem, que serve, a um só tempo, como limite às possibilidades de significação das palavras sem, contudo, engessá-las, já que as formas de vida estão em constante mudança. As formas de vida trazem presentes à linguagem os diversos componentes da vida dos falantes, como seus hábitos, costumes, instituições, cultura e visões de mundo que, pela pluralidade, impedem que se conceba forma de vida no singular.

O que é novo nas últimas reflexões e investigações é que, por um lado, os fundamentos são buscados e descobertos nas práticas da vida cotidiana e na interconexão entre hábitos, costumes e instituições, e, por outro, que as atividades e visões das pessoas tornam-se essenciais para a compreensão da ação linguística (HALLER, 1990, p. 135-136).

A interpretação de Haller é reforçada, ainda, pela passagem do parágrafo 630 das *Observações sobre a Filosofia da Psicologia* que, segundo ele, foi mal interpretado por Garver. Nesse texto, Wittgenstein aponta uma série de atividades meramente exemplificativas (como punir ações, constatar estado de coisas, dar ordens, oferecer relatos, descrever cores, interessar-se pelos sentimentos alheios) que, de modo aproximado, são também identificadas como jogos de linguagem no parágrafo 23 das *Investigações*, mas que também relacionam-se com o dado, ou seja, com as formas de vida. O filósofo usa fatos da vida como alternativa às formas de vida para, justamente, reforçar a acepção plural do conceito, diferentemente do uso de que faz Garver dessa mesma citação para rejeitar pensar em formas de vida.

A alusão a fatos da vida acabam por confirmar que as formas de vida são o fundamento da linguagem enquanto expressam a concretude da vida dos sujeitos falantes, com todos os elementos que a constituem, que configuram o dado, o “solo áspero” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 64) ao qual se deve voltar para compreender a linguagem. Pela forma de vida “as atividades e as visões das pessoas tornam-se essenciais para a compreensão linguística” (HALLER, 1990, p. 136). É por isso que ela não é a mesma para todos os seres humanos, pois varia no tempo e no espaço, o que justifica concebê-la no plural.

Convencido de que as ocorrências de *forma de vida* correspondem aos fatos, isto é, ao dado, que é a situação que envolve a linguagem, Haller afasta a interpretação do conceito no singular. Mais ainda: pensando nas situações em que Wittgenstein se refere a grupos, tribos e sociedades, com costumes e práticas culturais diferentes, o autor vislumbra “uma inclinação empírica na perspectiva desse grande filósofo, uma inclinação que é frequentemente subestimada” (HALLER, 1990, p. 139).

Por fim, outro importante intérprete de Wittgenstein, P. M. S. Hacker, também interpreta forma(s) de vida seguindo a via interpretação etnológica. No entanto, considerando as poucas ocorrências da expressão nos textos do filósofo, o autor pensa que, em certo sentido, o conceito em si não é de fundamental importância, tal como se costuma supor. O que realmente importa é o que está por trás de forma de vida: “a concepção geral que está subjacente a essa invocação muito escassa da expressão, e suas ligações com outras noções na filosofia tardia e na metodologia de Wittgenstein, em particular o jogo de linguagem, o seguir regras e a prática, são de importância capital” (HACKER, 2015, p. 4, *tradução nossa*).

Por essa razão, Hacker visa empreender uma compreensão sistemática do conceito, relacionando-o com as demais noções de Wittgenstein para compreender a função que desempenha na investigação da linguagem. Entre as ocorrências que analisa, o autor detém-se no parágrafo 241 das *Investigações* – “Certo e errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isto não é uma concordância de opiniões, mas da *forma de vida*” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 123, *grifo nosso*) – por considerá-la original por enfatizar que a linguagem envolve um profundo e inquestionável acordo entre os falantes no que se refere às regras de uso das palavras e ao que conta como estando conforme essas regras.

Entre os sujeitos, as regras normatizam o emprego da linguagem, sendo consensual que devem ser seguidas para o estabelecimento da comunicação. Além disso, as regras constituem medidas de referência para se julgar o uso correto das palavras. Para Hacker, a concordância vai além dos conceitos, atingindo também as ações, isto é, as maneiras com as quais as palavras são operadas. E a relação entre uma regra e o seu correto uso ocorre na prática, na realidade dos falantes, na concretude da vida, vale dizer, na forma de vida.

Em seguida, Hacker analisa a passagem constante na seção I da parte II das *Investigações*, chamada também de *Filosofia da Psicologia – Um Fragmento*, segundo

a quarta edição da obra⁴, que relaciona forma de vida à concepção de esperança: “Apenas quem fala é que pode ter esperança? Apenas aquele que domina o emprego de uma linguagem. Isto é, os fenômenos da esperança são modificações dessa complicada *forma de vida*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 165, *grifo nosso*). Wittgenstein é enfático ao afirmar que apenas os usuários da linguagem têm esperança, mas não um cão, porque não se pode ter esperança de algo impossível de ser realizado como, por exemplo, esperar rejuvenescer a cada dia, tampouco ter esperança de algo inevitável, como esperar que depois de terça-feira seja quarta-feira. Se alguém afirmasse esperar algo parecido, certamente não seria levado a sério e, ainda, seria advertido que não se pode esperar esse tipo de coisa. Há um limite para o uso desse conceito, determinado por regras que somente os seres humanos, enquanto falantes, sabem reconhecê-las. Por essa razão, os fenômenos de esperança estão relacionados com aqueles que compartilham dessa complicada forma de vida, que é a dos usuários da linguagem.

A seção XI da Parte II, por sua vez, ao apresentar a forma plural do conceito, sugere que as diferentes linguagens envolvem formas de vida distintas. Em lugares, épocas e culturas diversas, os seres humanos apresentam uma multiplicidade de formas de vida, e nelas está envolvida a linguagem. Equiparado aos fatos da vida, como dispõe o parágrafo 630 das *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*, Hacker entende reforçar-se a ideia de que a linguagem se integra aos acontecimentos da vida (culturais, sociais, entre outros). Mais uma vez, a noção é colocada à serviço do intuito maior da investigação do filósofo: “Para lidar com questões em filosofia da linguagem, não devemos conceber as linguagens como cálculos. Não devemos pensar em entender uma linguagem como domínio de um cálculo, mas sim como domínio dos complexos jogos de linguagem interligados” (HACKER, 2015, p. 12, *tradução nossa*).

Após analisar caso a caso as ocorrências de forma(s) de vida nos textos de Wittgenstein, Hacker conclui que o conceito, na verdade, desempenha um papel mínimo na filosofia de Wittgenstein, “[...] apenas um ornamento superficial” (HACKER, 2015, p. 18, *tradução nossa*) da concepção etnológica da linguagem, que contempla a atividade linguística em seu envolvimento com os diversos elementos que constituem a vida de seus usuários. A linguagem não ocorre ao modo do cálculo, mas dos jogos:

⁴ A quarta edição das *Investigações Filosóficas*, revisada por Hacker em parceria com Joachim Schulte e publicada em 2009, é a atual edição-padrão da obra. Na revisão do texto, uma importante modificação na estrutura do livro foi introduzida: enquanto as edições anteriores traziam a divisão do texto em duas partes (Parte I e Parte II), a última edição atribuiu exclusivamente à primeira parte o título de *Investigações Filosóficas*, renomeando a segunda parte como *Filosofia da Psicologia – Um Fragmento*, para evidenciar que, na verdade, cada uma das partes constitui uma obra distinta.

regras consensuais determinam o comportamento dos falantes e servem de medida para o seu correto seguimento. O consenso das regras é um acordo sobre a forma de vida.

Em suma, todas as linhas interpretativas (transcendental, naturalista e etnológica) tentam dar conta de um problema legado de Wittgenstein, que é o da definição do significado de forma(s) de vida e do seu espaço no pensamento do filósofo. Até aqui a exposição mostrou as razões que sustentam as diferentes opiniões para salientar que a tomada de partido entre uma ou outra leitura do conceito condiciona a forma de compreensão da própria linguagem e da filosofia wittgensteiniana.

No entanto, como não se trata de uma questão fechada, mas aberta a novas interpretações, é possível contribuir para se lançar a aspectos não contemplados inteiramente pelas propostas até então apresentadas. É por esse viés que se pretende, aqui, propor uma releitura de forma(s) de vida a partir das diferentes linhas interpretativas para, ao final, justificar a própria grafia do conceito por ora adotada.

Um outro olhar do conceito

Antes, porém, de propor uma compreensão de forma(s) de vida, deve-se considerar que a noção não se encontra isolada na obra de Wittgenstein, mas que está relacionada aos demais conceitos importantes da concepção de linguagem ventilada nas *Investigações*. Sendo assim, faz-se necessário apresentar o panorama conceitual de onde emerge forma(s) de vida, pois é nele que a expressão encontra seu sentido.

Os conceitos de uso, jogos de linguagem, regra, seguimento de regra e forma(s) de vida fazem parte da nova perspectiva de compreensão da linguagem proposta por Wittgenstein. Sob essa abordagem, o significado das palavras é dado a partir dos usos que delas são feitas pelos sujeitos falantes; o uso refere-se à palavra na vida concreta das pessoas.

Ao analisar a maneira como a linguagem é usada, Wittgenstein estabelece uma analogia entre as ações linguísticas e os diversos jogos – que dá origem ao conceito de jogos de linguagem – a fim de demonstrar que o falar consiste em atividades que envolvem a habilidade dos participantes em dar lances de acordo com regras que governam a maneira como a partida deve ser jogada.

Por sua vez, as regras da linguagem são públicas no sentido de que não pode ser que uma única pessoa as siga uma única vez na vida. Pelo contrário, para que se estabeleça a comunicação e as palavras sejam significativas, os participantes do jogo de

linguagem devem segui-las regularmente, sempre que as ocasiões exigirem o seu seguimento. Assim, o seguimento das regras do jogo de linguagem não serve apenas como condição para que o falante seja efetivamente compreendido, como também fornece padrões de correção quanto à conformação da fala às práticas linguísticas estabelecidas intersubjetivamente.

Todos esses conceitos dão conta de entender o fenômeno linguístico como uma prática social. De fato, as ações linguísticas não são solipsistas, isto é, não estão encerradas nos indivíduos e em suas experiências subjetivas, afinal, foi justamente essa visão tradicional de linguagem que Wittgenstein esforçou-se em combater, mostrando que tal equívoco é causa de diversos problemas irresolúveis na filosofia. A linguagem é social porque diz respeito a um contexto intersubjetivo; seus elementos constitutivos “supõem uma sociedade, uma forma de vida” (FANN, 2003, p. 95, *tradução nossa*).

Assim, forma(s) de vida expressa o consenso implícito dos usuários da linguagem quanto a práticas, comportamentos, valores, tradições, visões de mundo, cultura, instituições, concepções éticas e políticas e todos os demais aspectos comunitários subjacentes na produção de significados. Esse acordo tácito está pressuposto na linguagem. “Certo e errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isto não é uma concordância de opiniões, mas da *forma de vida* (WITTGENSTEIN, 2009, p. 123, *grifo nosso*).

Como pano de fundo para o desenvolvimento dos jogos de linguagem, forma(s) de vida é o seu fundamento sem fundamento porque confere “regularidade nas ações que permite uma regularidade nos modos de uso das expressões linguísticas” (DONAT, 2008, p. 2). A ideia de fundamento da linguagem é o sentido do parágrafo 19 das *Investigações*, onde afirma o filósofo que “representar uma linguagem significa representar-se uma *forma de vida*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 32, *grifo nosso*). Quando se está falando, diversos fatores subjazem à fala, e isso invoca uma determinada forma de vida. É por isso a linguagem sempre a pressupõe.

Enquanto fundamento, o conceito serve como justificativa da linguagem. É por isso que ela “é a noção a que ele (Wittgenstein) recorre sempre que sua investigação atinge um ponto em que outros filósofos seriam tentados a procurar justificações mais profundas e fundamentais para os conceitos postos em ação em nosso pensamento e fala” (GRAYLING, 2002, p.110). Como justificativa, desempenha uma função terapêutica para o pensamento (cf. parágrafo 309 das *Investigações*) à medida que libera o filósofo dos tormentosos e infundáveis problemas filosóficos. Pense-se que enquanto a

maioria dos filósofos insiste no aprofundamento dos conceitos, sem qualquer perspectiva de encontrar uma solução, Wittgenstein simplesmente detém-se na forma de vida por entender que é aí que repousa toda significação.

Se a linguagem encontra seu fundamento em uma forma de vida, servindo-lhe de justificação, o conceito mesmo, por sua vez, não encontra fundamento algum e, na verdade, nem precisa ter; por isso mesmo, é fundamento sem fundamento. Para Wittgenstein, é suficiente considerá-la como a justificação final da linguagem por entendê-la como “estrutura de referência em que aprendemos a trabalhar quando treinados na linguagem de nossa comunidade” (GRAYLING, 2002, p. 110). Tal como são, elas devem ser simplesmente aceitas: “o aceito, o dado - poder-se-ia dizer - são *formas de vida*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 203). A busca por justificações deve chegar a um termo final, que é a forma de vida porque, do contrário, estaria se incorrendo em uma regressão infinita. Como afirma o próprio Wittgenstein no parágrafo 217 das *Investigações*: “se esgotei as justificações, então, atingi a rocha dura e minha pá entortou. Estou então inclinado a dizer: ‘E assim que eu ajo’ (WITTGENSTEIN, 1999, p. 96). A rocha dura é alusão à forma de vida.

Outro ponto a considerar é que a linguagem não apenas se encontra impregnada de elementos de uma forma de vida, como também é um de seus elementos constitutivos. Como dito, o fulcro da(s) forma(s) de vida é o consenso quanto aos elementos linguísticos e extralinguísticos que envolve todos os usuários da linguagem. Nesse contexto, os indivíduos compartilham de uma mesma forma de vida e, por isso, seus jogos de linguagem têm sentido. Assim, torna-se clara a afirmação de Wittgenstein do parágrafo 23 das *Investigações* quanto ao fato de que os jogos de linguagem salientam que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma *forma de vida* (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35, *grifo nosso*). Basta pensar que uma língua (o português, o inglês, etc.), na qual se substancia a linguagem verbal, tem um caráter sociocultural que invoca uma *forma de vida* determinada, o mesmo ocorrendo com a linguagem não-verbal (gestos, sinais, cores, sons).

Por refletir o consenso implícito entre elementos linguísticos e extralinguísticos dos usuários da linguagem, o conceito de forma de vida é marcadamente cultural. Assim, a leitura etnológica encontra-se afinada com a filosofia de Wittgenstein por melhor compreender essa característica do conceito. Há tantas formas de vida quantas são as culturas e épocas que as produzem, o que é coerente com a orientação que Wittgenstein conferiu aos rumos de suas investigações, no sentido de abrir-se à

multiplicidade de usos da linguagem no fluxo da vida, em clara oposição à visão monolítica da análise lógica outrora cultivada no *Tractatus Logico-Philosophicus*.

No entanto, pode-se pensar também que as diversas formas de vida, no sentido estrito de contextos socioculturais que fundamentam a linguagem, são expressões de uma mesma forma de vida, em sentido lato, identificada com a espécie humana e que interessa, de fato, para a investigação linguística. Na seção XI da parte II das *Investigações*, Wittgenstein afirma: “Se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 201). A suposta linguagem do leão, se ela realmente existe, não pode ser compreendida por quem não compartilha da forma de vida leonina, da mesma maneira que os leões não entendem a linguagem dos homens por não compartilhar com eles de sua forma de vida.

Assim, a leitura transcendental, ao menos nesse ponto, contribui para o esclarecimento do conceito à medida que postula a existência de uma forma de vida humana em relação a outras formas de vida possíveis. Como é no interior da forma de vida que os jogos de linguagem fazem sentido, entende-se a razão pela qual o homem não pode compreender a linguagem dos animais e vice-versa, mas também, por outro lado, a razão pela qual ele pode compreender a linguagem de outros seres humanos.

Um animal pode até atender aos comandos que lhe são dados, mas isso não significa que ele é capaz de dominar a complexidade da linguagem humana, uma vez que “compreender uma linguagem significa dominar uma técnica” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 92). Outro ser vivo não pode dominar a técnica da linguagem simplesmente porque suas significações não encontram respaldo nem fazem sentido para a sua forma de vida específica. Wittgenstein enfrentou essa questão na seção I da parte II das *Investigações*:

Podemos representar-nos um animal zangado, temeroso, triste, amistoso, assustado. Mas podemos representa-lo esperançoso? E por que não?

O cão acredita que seu dono está à porta. Mas pode também acreditar que seu dono chegará depois de amanhã? – E o que ele não pode? – E eu, como o faço? Que resposta devo dar?

Apenas quem fala é que pode ter esperança? Apenas aquele que domina o emprego de uma linguagem. Isto é, os fenômenos da esperança são modificações *dessa complicada forma de vida* (WITTGENSTEIN, 1999, p. 165, *grifo nosso*).

A esperança a que o filósofo faz alusão serve de paradigma para mostrar um fenômeno que está relacionado com a experiência humana, mais precisamente, com a

sua forma de vida, pois a linguagem desta complicada forma de vida é a única que se encontra acessível ao sujeito – o recurso ao pronome demonstrativo “dessa” indica uma forma de vida entre muitas possíveis, no caso, a humana, e não de outra. É por isso que se pode compreender as regras do jogo de linguagem da esperança e de tantos outros, inclusive aqueles afetos às formas de vida (no sentido etnológico) que são diferentes da que o indivíduo compartilha. Para tomar parte e dar lances nesses jogos, basta que ele se disponha a aprendê-las mediante treinamento, uma vez que:

Seguir uma regra é análogo a: seguir uma ordem. Somos treinados para isto e reagimos de um determinado modo.
[...] O modo de agir comum a todos os homens é o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma linguagem desconhecida (WITTGENSTEIN, 1999, p. 93).

Assim, considera-se que o debate entorno do conceito, que deu origem a leituras distintas e, por vezes, conflitantes, radicalizou-se a ponto de não se vislumbrar que ambas as flexões de forma de vida, no singular e no plural, encontram respaldo no pensamento de Wittgenstein. Ao invés de serem excludentes, na verdade, elas são complementares porque contemplam aspectos diferentes de uma mesma realidade que constitui o pano de fundo da própria linguagem, o seu fundamento sem fundamento.

É por isso que, neste texto, optou-se pela grafia do conceito como forma(s) de vida por se entender que, dessa maneira, os diferentes ângulos da questão estão nela contemplados, o que proporciona um olhar mais amplo desse importante conceito da filosofia wittgensteiniana. Há muitas formas de vida – os contextos socioculturais de onde emergem os significados das palavras – no interior da forma de vida humana que, sendo o denominador comum, possibilita a comunicabilidade entre sujeitos com hábitos, costumes, tradições, visões de mundo e cultura diferentes.

A interpretação acima conjuga, a grosso modo, as leituras transcendentais e etnológicas do conceito, descartando, porém, a leitura naturalista por entender que seu acento biológico não encontra respaldo na orientação filosófica de Wittgenstein. A biologia é uma ciência, e o filósofo, em muitas ocasiões, deixa claro que seu empreendimento não é científico, mas filosófico. O parágrafo 90 das *Investigações* é contundente: “[...] nossa investigação, no entanto, dirige-se não aos fenômenos, mas, como poderíamos dizer, às 'possibilidades' dos fenômenos [...] Nossa consideração é, por isso, gramatical” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 61). A gramática a que se refere é a gramática filosófica, conforme já observado como identificada à sua filosofia e ao seu

método filosófico, o que afasta a possibilidade de uma compreensão empírica do conceito de forma(s) de vida, tal como proposto pela interpretação naturalista.

Conclusão

Muito já se falou sobre forma(s) de vida em Wittgenstein. Identifica-se ao menos três linhas de interpretação do conceito que agrupam autores com opiniões distintas. A multiplicidade de possíveis respostas revela que a questão do significado do conceito, aparentemente, parece ser incontornável, não porque seja impossível encontrar uma solução satisfatória, mas porque, em algum momento da reflexão, o estudioso de Wittgenstein tem de se confrontar com a expressão e, inexoravelmente, esforçar-se por marcar uma postura diante dela.

Com forma(s) de vida, Wittgenstein legou à posteridade um conceito fundamental para a compreensão do seu pensamento que carece de esclarecimento. De sua parte, ele reservou ao tema o mesmo tratamento dispensado aos demais conceitos nucleares de sua filosofia, que também padecem de certa vagueza e imprecisão quanto à sua significação, mas que, no entanto, não deram azo a um amplo debate, tal como aqui se buscou reproduzir.

Se, por um lado, há fatores que obstaculizam a correta interpretação do conceito e que, por isso mesmo, muitos estudiosos reputam-no como de difícil entendimento, por outro, deve-se entender que a atitude do filósofo manifesta a sua recusa em elaborar teorias, colocando-se na contramão da tradição filosófica que, ao formular teses, acaba por instituir uma visão monolítica da realidade. Com isso, Wittgenstein privilegia a concretude do fenômeno linguístico na diversidade de suas manifestações, indicando que o significado das palavras não deve ser buscado na abstração conceitual, mas na variedade de usos que delas são feitas nos jogos de linguagem.

Tem-se, portanto, que a imprecisão e aparente vagueza do conceito de forma(s) de vida é intencional, inclusive no emprego de suas flexões no singular e no plural. Wittgenstein opta por não o encerrar em uma definição exclusiva por entender que as variadas situações em que ele se apresenta revelam, paulatinamente, o seu significado, permitindo, assim, o, alargando de sua compreensão. É por isso que o seu modo de fazer filosofia, ao invés de constituir óbice, na realidade, serve de incentivo na busca pelo esclarecimento conceitual.

A aproximação do fenômeno linguístico a partir de seus usos, característica do método filosófico de Wittgenstein, trouxe à tona um determinado dado, qual seja, a forma de vida um consenso subjacente à linguagem, implicitamente acordado por seus usuários, que envolve tanto elementos linguísticos quanto extralinguísticos (como hábitos, usos, tradições, cultura, visões de mundo, valores, instituições, práticas, concepções éticas e políticas, entre tantos outros). Como esses elementos fazem-se presentes na linguagem cotidiana e conferem-lhe significado, compreende-se a razão pela qual o conceito assume a função de ser o fundamento da linguagem, isto é, a justificação última e que, por isso mesmo, dispensa ela própria de ser justificada.

Isto posto, entende-se que a passagem pelas diferentes leituras do conceito, bem como a sua contextualização no pensamento do filósofo, permite refleti-lo em um sentido amplo, que considera forma de vida e formas de vida como complementares, justificando-se, dessa forma, a adoção da grafia forma(s) de vida. O conceito pode ser pensado no plural, como formas de vida, contudo, sem ignorar a sua compreensão também no singular, pois todas constituem uma mesma forma de vida, a forma de vida humana, cuja linguagem é a única que se tem acesso e que se pode dominar.

Referências

- DALL'AGNOL, D. *Seguir Regras: Uma Introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. Pelotas: Editora da UPEL, 2011, 190 p.
- DONAT, M. Formas de Vida e Constituição de Sentido. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7., 2008, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2018. Não paginado. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/anais_capa.htm>. Acesso em 10 mar. 2020.
- FANN, K. T. *El Concepto de filosofía em Wittgenstein*. Tradução Miguel Angel Beltran. Madrid: Tecnos, 2003. 140 p.
- GIER, N. Wittgenstein and Forms of Life. *Philosophy of the Social Sciences*, [S.l.], v. 10, p. 241 – 258, set. 1980. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/toc/posa/10/3>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- GLOCK, H.-J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 398 p.
- GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002, 157 p.
- HACKER, P. M. S. Forms of Life. *Nordic Wittgenstein Review*, [S.l.], p. 1-20, 2015. Edição especial. Disponível em: <<https://www.nordicwittgensteinreview.com/issue/view/NWR%20Special%20Issue%202015>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- HALLER, R. *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: questões*. Tradução Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: EDUSP, 1990, 152 p.

- HUNTER, J. F. M. "Forms of Life" in Wittgenstein's Philosophical Investigations. *American Philosophical Quarterly*, Illinois, v. 5, n. 4, p. 233-234, out. 1968. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20009278?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- MARRADES, J. Sobre la Noción de 'Forma de Vida' en Wittgenstein. *Agora: papeles de filosofia*, Santiago de Compostela, v. 33, n. 1, p. 139-152, 2014. Disponível em: <<http://www.usc.es/revistas/index.php/agora/issue/view/228>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- MACHADO, R. H. P. Nota 65. In: WITTGENSTEIN, L. *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*. Tradução Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: Ideias e Letras, 2008, 407 p.
- ROMANO, R. Wittgenstein por Rudolf Haller. *Revista USP*, São Paulo, n. 9, p. 199-202, mar.-abril-maio 1991. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/1876/showToc>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- VELLOSO, A. Forma de Vida ou Formas de Vida? *Philosophos*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 159-184, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/issue/view/419/showToc>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. Tradução Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 2012, 363 p.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999, 206 p.
- _____. Tradução Marcos G. Montagnoli. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, 350 p.
- _____. *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*. Tradução Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: Ideias e Letras, 2008, 407 p.

Recebido em: 11/03/2020
Aprovado em: 28/06/2020